

Espaços como a Livraria Avenida, conduzida por André Gambarra, ampliam a vida útil de publicações e ajudam na renovação do público leitor

Reportagem Cultural



Sebos contam a história cultural de Porto Alegre

Rafael Gloria, especial para o JC

Em uma época em que livros chegam à porta de casa com poucos cliques e bibliotecas inteiras cabem na memória de um *tablet* ou celular, os sebos seguem resistindo. Mais do que pontos de venda de livros usados, esses espaços guardam fragmentos da história cultural da cidade, preservam obras fora de catálogo e mantêm viva uma forma de convivência que marcou gerações de leitores, estudantes e intelectuais.

Há décadas, os sebos fazem parte do circuito cultural do Centro Histórico. Tudo começou no início do século passado, quando se tornaram lugares de encontros e formação intelectual. Em uma cidade movimentada, o público na área central circulava por cafés, redações de jornais, livrarias e repúblicas estudantis. Para o historiador Charles Monteiro, professor da Pucrs, a trajetória desses estabelecimentos ajuda a compreender transformações mais amplas na vida cultural da

capital gaúcha. “Os sebos sempre foram lugares de encontro. As pessoas iam para conversar, procurar livros e trocar informações. O livreiro conhecia seus clientes, sabia o que eles liam e muitas vezes conseguia encontrar obras específicas”, afirma.

Desde as primeiras décadas do século XX, estudantes que chegavam a Porto Alegre para frequentar cursos preparatórios e universidades encontravam nos sebos uma alternativa mais acessível para adquirir livros. Muitos deles ficavam nas proximidades da rua Riachuelo e da antiga rua da Ladeira, áreas que concentravam pensões estudantis e intensa circulação cultural.

Além de comercializar livros usados, alguns estabelecimentos se especializaram em determinados temas. Um dos exemplos lembrados por Monteiro é a antiga Martins Livreiro, referência para pesquisadores interessados na história do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre. “Um lugar importante para quem estudava a

história local. Havia um trabalho de seleção e preservação de obras que ajudava a manter viva essa memória”, recorda.

Essa dimensão também é destacada pela presidente da Câmara Rio-Grandense do Livro, Roseni Siqueira Kohlmann. Para ela, os sebos exercem um papel fundamental na preservação do patrimônio bibliográfico. “Muitos exemplares que circulam nesses estabelecimentos deixaram de ser comercializados pelas editoras, mas permanecem acessíveis graças ao trabalho de conservação realizado pelos sebistas”, afirma. Segundo Roseni, eles ajudam a preservar edições raras, documentos e obras de interesse histórico, contribuindo para a manutenção da memória cultural ligada ao livro.

A importância dos sebos, porém, vai além da preservação. Eles também ampliam o acesso à leitura ao oferecer livros por preços mais acessíveis e funcionam como espaços de descoberta para leitores de diferentes perfis.

“São fundamentais para o ecossistema do livro porque ampliam a vida útil das obras, democratizam o acesso à leitura e ajudam a formar novos leitores”, observa a dirigente.

Ao mesmo tempo, esses estabelecimentos enfrentam desafios semelhantes aos de todo o mercado livreiro. A digitalização dos acervos, o crescimento dos e-books e as mudanças nos hábitos de leitura alteraram profundamente a relação das pessoas com os livros físicos. Para Monteiro, a redução do número de sebos físicos é um sintoma dessas transformações. “Representa a perda de um espaço que era, ao mesmo tempo, de consumo de conhecimento, de encontro e de relacionamento. E também demonstra transformações na cultura letrada, no processo de formação, na digitalização dos livros e na utilização, digamos assim, mais de artigos acadêmicos do que de livros”, avalia.

Ele observa que plataformas de venda online permitiram que

muitos sebistas ampliassem seu alcance para todo o País, reduzindo a dependência do público local. Embora isso tenha criado novas oportunidades de negócio, também modificou o papel desses espaços na vida urbana. O sebo deixou de ser apenas um ponto de circulação cultural para se tornar, muitas vezes, parte de uma rede nacional de comercialização de livros.

Ainda assim, há algo que permanece difícil de reproduzir no ambiente digital. Entre as estantes, não circulam apenas livros, mas histórias. Dedicatórias esquecidas, anotações nas margens e marcas deixadas por antigos leitores transformam cada exemplar em um objeto único. “Muitos livros comprados em sebos carregam camadas de leitura deixadas por outras pessoas”, explica Monteiro. “São vestígios de uma experiência de leitura que vai passando de leitor para leitor.”

Leia mais na página central



CINEMATECA BRASILEIRA/DIVULGAÇÃO/JC

Clássicos como *A Hora da Estrela* estão disponíveis gratuitamente na plataforma Tela Brasil, que registrou 2,4 milhões de visualizações em três dias

Tela Brasil deve trazer avanços ao PL do streaming, diz secretária do Audiovisual

“Dados do Tela Brasil mostram que a população adora o cinema nacional e que serão essenciais para uma regulamentação que protege nossas propriedades intelectuais”, diz a secretária do Audiovisual, Joelma Gonzaga, sobre a relação entre a plataforma pública e o PL do streaming, hoje parado no Senado, conforme noticiado pela Folhapress.

O projeto diz respeito à regulamentação dos serviços de vídeo sob demanda, que atuam no Brasil há anos sem pagar a Condecine, a Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional, como muitos no setor desejam.

Nos primeiros três dias desde que foi disponibilizado, o Tela Brasil registrou 2,4 milhões de visualizações, e a expectativa é de que a audiência cresça consideravelmente após o dia 30 deste mês, quando o serviço gratuito chegará aos celulares.

Orçado em R\$ 9 milhões, o Tela Brasil já reúne 556 títulos. Os custos, afirma Gonzaga, contemplaram um edital de licen-

ciamento de filmes, a aquisição de 19 títulos que tentaram uma vaga no Oscar - entre eles, só o desenho *O Menino e o Mundo* foi indicado -, a interface desenvolvida pela Universidade Federal do Alagoas (UFAL) e uma consultoria contratada via OEI, a Organização dos Estados Ibero-Americanos.

O catálogo chama a atenção pela amplitude histórica. Isso porque vai de curtas institucionais da década de 1910 até obras contemporâneas, como o documentário *Audição*, de 2023, passando por clássicos como *A Hora da Estrela*, hoje entre os mais vistos do serviço.

Também se destaca a qualidade de filmes históricos disponíveis, antes restritos a mostras presenciais ou cópias de baixa definição no YouTube. Na categoria História e Estética do Cinema Brasileiro, por exemplo, longas menos conhecidos de Glauber Rocha, como *Câncer*, aparecem em alta resolução.

Todas as cópias restauradas já existiam em suas instituições

de origem, como a Cinemateca Brasileira, o Centro Técnico do Audiovisual e a Fundação Nacional das Artes, entre outras entidades que compõem o acervo do sistema MinC.

Fora essas e as 19 obras que tentaram uma vaga no Oscar, a maior parte dos títulos coube ao edital de licenciamento publicado em 2024. O certame determinou cinco eixos temáticos - infância, juventude, diversidade, brasilidades e história e estética do cinema brasileiro, com movimentos que vão do cinema novo à pornochanchada. Foram 397 obras selecionadas, entre curtas, médias, longas e séries.

“Queríamos refletir a diversidade regional, étnica, cultural e temática do país”, afirma Gonzaga. Ela diz que o próximo passo será integrar obras da emissora pública TV Brasil, o que deve acontecer ainda este ano. A ampliação também acontecerá via novos editais de licenciamento.

A professora da UFAL Luciana Santa Rita cita recursos de acessibilidade pensados pela ins-

tituição, como Libras e audiodescrição em filmes antigos. “Mais do que surfar numa onda de mercado, nosso objetivo era resgatar a memória e estabelecer uma linha direta com os cidadãos.”

À luz da repercussão de filmes como *Ainda Estou Aqui* e *O Agente Secreto*, a plataforma pode reduzir a indiferença com que muitos brasileiros veem a produção nacional, afirma o crítico de cinema e professor da Faap Humberto Silva.

“O cinema nacional nunca foi visto com a mesma seriedade que a literatura, presente nos currículos escolares, ou mesmo a música. O Tela Brasil pode estimular que essa força de afirmação cultural seja vista dessa forma.”

Ele elogia o destaque a produções como filmes indígenas, mas lamenta a falta de diretores como Nelson Pereira dos Santos e Cacá Diegues, morto em 2025, e comédias como as de Amácio Mazzaropi, sobre tensões entre o interior e a metrópole.

Há ainda, segundo membros da indústria ouvidos pela repor-

tagem, a expectativa de que a plataforma subverta a concentração do audiovisual na região Sudeste, destacando a contribuição de outras regiões para o audiovisual brasileiro e novos cânones, como o cinema feito em comunidades e estimulado por políticas como a Cultura Viva, de 2014.

No edital de licenciamento de 2024, o MinC listou, entre critérios dos eixos de diversidade e brasilidades, temas como diversidade de gênero, orientação sexual, raça e regionalidade.

Quanto ao público, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia, nessa ordem, foram listados como os cinco estados que mais acessaram a plataforma.

Outro aspecto que provocou debates, esses sobre a segurança de dados, é a relação entre o serviço e o Gov.br, plataforma do governo que centraliza documentos e serviços a partir do CPF de seus usuários. O acesso ao streaming exige o login e a senha usados neste mesmo portal.

“É uma forma prática e segura de integrar políticas públicas”, explica Gonzaga. “A medida dialoga, por exemplo, com controles parentais da plataforma, e com o Ministério da Justiça e demais medidas de proteção governamentais.”

Há quem diga ainda que a integração evita a venda de dados para empresas como o Google e permite que o governo trace recortes de público e de interesse por produções específicas.

Usuários também questionaram o uso do CDN da Amazon pelo Tela Brasil, em vez de servidores nacionais e mais baratos. Os CDNs, content delivery networks, são redes de distribuição que cobram pela transmissão de arquivos digitais.

Em documento sobre o papel da UFAL, a instituição afirma que o Tela Brasil corrobora para a soberania tecnológica do país, e o MinC diz que a escolha do Amazon CloudFront, sem licitação pública, se deve a um contrato anterior entre a pasta e o Serviço Federal de Processamento de Dados, o Serpro.

A depender do desempenho, diz ainda o ministério, o streaming pode migrar para outro servidor também utilizado pelo Serpro, que se divide entre nuvens de dados nacionais e internacionais.

Excepcionalmente nesta semana, a coluna de teatro assinada por Antonio Hohlfeldt não será publicada. O colunista retorna na semana que vem.

fique ligado



RONCCA/DIVULGAÇÃO/JC

A intensidade emocional de Baco Exu do Blues

Rapper apresenta novo disco **HASOS** em show no Araújo Vianna; telão exibe jogo da seleção antes do espetáculo

Baco Exu do Blues retorna ao Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), no sábado, às 21h, para um show da turnê de seu último trabalho, **HASOS**, marcando uma nova fase na carreira. A casa abrirá mais cedo, às 18h, para transmitir o jogo do Brasil contra Marrocos, na estreia da Copa do Mundo. Os ingressos já estão no segundo lote

e variam entre R\$ 100,00 e R\$ 560,00 na plataforma Sympla.

O cantor baiano, que está na estrada desde 2016, ganhou o prêmio Multishow de artista revelação, em 2017, após seu single *Te amo desgraça* ter se tornado *hit* em todo Brasil. Consolidou-se na cena musical quando seu disco *Bluesman*, de 2018, foi eleito disco do ano pela

Rolling Stone.

HASOS é um álbum denso e introspectivo que trata de temas como relações afetivas e conflitos internos, mantendo a intensidade emocional presente em sua obra. O show começa com as faixas mais recentes, mas não deixa de fora suas canções mais lembradas, como *Flamingos* e *20 Ligações*.

Tudo que Duca Leindecker tem a dizer

Nesta sexta-feira, às 21h, Duca Leindecker sobe ao palco do Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80) para apresentar o espetáculo da turnê de seu novo disco, *Tudo que se tem*. Os ingressos custam a partir de R\$ 45,00 e estão disponíveis pela plataforma Uhuu.

Gravado durante o período em que o artista viveu nos Esta-

dos Unidos, o trabalho reúne dez faixas que transitam pela poesia e musicalidade que marcaram sua trajetória à frente da Cidadão Quem e no projeto Pouca Vogal. Entre as novidades desta apresentação, está a participação do filho do artista, Guilherme Leindecker, que estreia como baixista e compositor da faixa *Fogo*, na qual divide os vocais com o pai.

Lili volta a inventar o mundo

O espetáculo infantil *Lili inventa o mundo* terá sessão única no Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80) neste sábado, às 16h. Com direção de Dilmir Messias e produção assinada pela Girassol Produções Artísticas e Culturais, a montagem de classificação livre tem como matéria-prima a seleção de poemas reunidos no livro homônimo de Mario Quintana, dedicados ao público infantil. Os ingressos custam entre R\$ 25,00 e R\$ 150,00 e estão à venda pela plataforma Uhuu.

A apresentação integra as comemorações dos 120 anos do poeta e escritor gaúcho e os 33 anos de encenação da montagem do Circo Teatro Girassol. Na trama, uma trupe de atores se reúne para contar histórias e poemas de Quintana, através do mundo de faz-de-conta de uma menina chamada Lili: o vovô que espera o café da manhã, as cidadezinhas e ruas desconhecidas, o tempo, o vento, as estações do ano e os animais. A ficha técnica inclui ainda músicas de Yanto Laitano, figurinos de Daniel Lion e cenografia de Tuta Camargo.

Aproximando Joyce e Guimarães Rosa

O Instituto Ling realiza neste sábado, das 15h30min às 17h30min, uma festa literária gratuita para discutir e celebrar a obra de James Joyce e de Guimarães Rosa, dois dos mais importantes escritores do século XX. Intitulado *Bloomsday: entre Dublin e o Sertão*, o evento parte da celebração internacional realizada anualmente em homenagem ao escritor irlandês e ao seu clássico romance *Ulisses*, incluindo aproximações com a literatura brasileira e o livro *Grande Sertão: Veredas*.

A atividade conta com

uma conversa entre o escritor Donald Schüler, responsável pela tradução de *Finnegans Wake*, de Joyce, a pesquisadora Kathrin Rosenfield e o professor Sergius Gonzaga, com mediação de Milton Ribeiro. A programação ainda contará com a estreia do ORDA, trabalho autoral do multi-instrumentista e compositor Caetano Maschio Santos, e as participações da Baden Cafés Especiais, da Cervejaria FIL e da Livraria Bamboletas. As inscrições não têm custo e podem ser feitas pelo site do centro cultural.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 12 DE JUNHO

⌚ **A partir das 8h** - CHC Santa Casa (Independência, 75) recebe a exposição *Coisário do rio*, com esculturas e instalações da artista gaúcha zarro que tematiza áreas da orla do Guaíba atingidas pelas enchentes e, atualmente, desabitada. Visitaçãõ de segunda a sábado, das 8h à 18h, até 12 de agosto. Livre.

⌚ **Das 18h às 22h** - Café da Catedral, instalado ao lado da Catedral Metropolitana de Porto Alegre (Dom Sebastião, s/n) transforma a noite de Dia dos Namorados em experiência gastronômica ao ar livre com vinho e música ao vivo. R\$ 460,00 por casal, no local.

⌚ **19h** - Espetáculo *Geppetto* combina atuação e manipulação de marionetes para refletir sobre a relação entre pai e filho. No Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1.089). R\$ 60,00 no site do Theatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco. Repete sábado e domingo, 19h.

⌚ **19h** - Sala Redenção (Eng. Luiz Englert, 333) exibe um filme-surpresa do premiado diretor Wong Kar Wai, primeiro chinês a ganhar o prêmio de melhor diretor no Festival de Cannes. Entrada franca.

⌚ **20h** - Teatro Carlos Carvalho da Casa de Cultura Mario Quintana (Andradas, 736) recebe o espetáculo de dança *Mares e Nuvens Flutuantes*, baseado no modelo de coreografia butoh-fu. A partir de R\$ 20,00 no Sympla. Repete sábado, 20h.

⌚ **20h** - Espetáculo *Multiplicidades* traz bailarinas e bailarinos com e sem deficiência celebrando a diversidade humana por meio da dança. Na Sala Álvaro Moreyra (Erico Verissimo, 307). R\$ 20,00 no Sympla. Repete sábado (20h) e domingo (18h).

⌚ **20h30min** - Integrantes originais de Os Cascavelletes se reúnem em projeto para celebrar os 40 anos da banda. Show Os Eternos Cascavelletes acontece no Teatro de Câmara Tulio Piva (República, 575). Ingressos no Sympla. Repete sábado (20h30min) e domingo (18h30min).

⌚ **21h** - Cantora Indira Castro apresenta o espetáculo especial de Dia dos Namorados *Falling in Love* no Grezz (Alm. Barroso, 328), com referências de rock, jazz, blues, pop e música latina. Inclui combo especial de jantar. De R\$ 40,00 a R\$ 560,00 no Sympla.

⌚ **21h** - Bruno & Marrone trazem seus sucessos em show de Dia dos Namorados no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). A partir de R\$ 175,00 no Sympla.

⌚ **21h** - Nome de destaque no rock nacional contemporâneo, banda Malta faz show no Opinião (José do Patrocínio, 834). Ingressos em quarto lote, a partir de R\$ 135,00 no Sympla.

SÁBADO, 13 DE JUNHO

⌚ **15h** - O Clube de Leitura - Jane Austen da Casa de Cultura Mario Quintana debate o livro *Mainsfield Park* na Biblioteca Erico Verissimo da CCMQ (Andradas, 736). Gratuito, mediante inscrição em link disponível nos sites da CCMQ e da Sedac.

⌚ **18h** - Deborah Finocchiaro e Bel Medula estreiam performance-experiência *Coração Exposto*, que propõe reflexão sobre a maternidade. Após apresentação, haverá bate-papo com as artistas. Na Casa MEL (José do Patrocínio, 698). Entrada mediante contribuição consciente (R\$ 20,00 na entrada, complemento com valor extra opcional ao final do evento).

⌚ **18h** - Transmissão ao vivo de Brasil x Marrocos, estreia da seleção na Copa do Mundo 2026, no Grezz (Alm. Barroso, 328). Logo após o jogo, show da banda Bem Brasil com sucessos da música nacional. Entrada gratuita até 20h; depois, R\$ 30,00 no local.

⌚ **19h** - Paulinho Parada lança álbum ao vivo que reúne milongas, samba, MPB e diálogos com o folclore uruguaio e argentino. Na Fundação Ecarta (João Pessoa, 943). Gratuito, com retirada de ingressos no Sympla.

DOMINGO, 14 DE JUNHO

⌚ **19h** - Orquestra da Ulbra celebra Chiquinha Gonzaga no próximo Domingo Clássico Petrobras. Regência de Tiago Flores e participação de Olinda Allesandrini. Na Associação Leopoldina Juvenil (Marquês do Herval, 280). Entrada franca, com retirada pelo Sympla.

reportagem cultural

O universo do sebo, segundo Mauro Scheuer, da Ladeira Livros

Rafael Gloria *

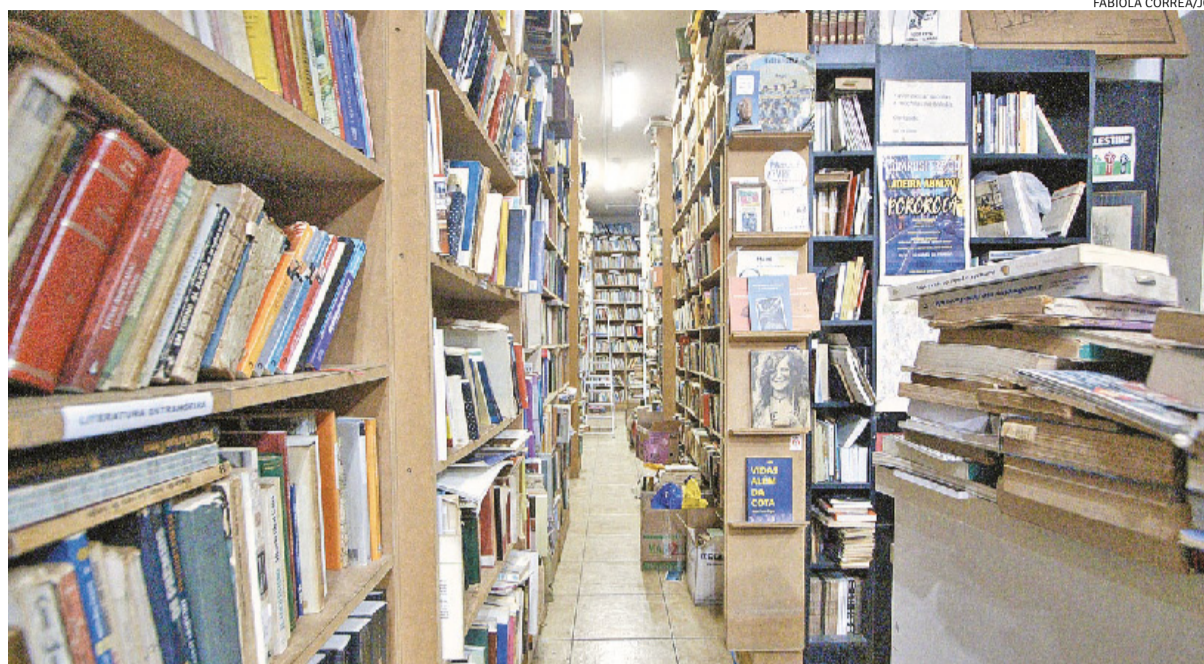
Ao longo de três décadas trabalhando com livros, Mauro Scheuer, da Ladeira Livros, entende que os sebos funcionam também como espaços de memória, encontro e observação da vida cotidiana. Pelos balcões passam os mais variados tipos de pessoas com diferentes anseios e desejos. Foi dessa convivência que nasceu *Croniquetas do Atendente*, livro em que reuniu episódios inspirados nas situações presenciadas na livraria. “O livro abre espaço para as pessoas falarem”, resume.

Enquanto os funcionários embalam encomendas, cadastram exemplares ou organizam estantes, clientes entram para procurar livros, pedir indicações ou simplesmente conversar. Alguns compartilham opiniões sobre política, literatura ou filosofia. Outros contam passagens da própria vida. Há quem chegue apenas para trocar uma ideia. “Quando as pessoas chegam ao sebo, elas se mostram, conversam e acabam revelando alguma coisa de si”, conta.

Mas existe um segundo universo que alimenta as histórias do livreiro: as visitas às bibliotecas particulares colocadas à venda.

Nesses encontros, diz ele, os livros funcionam como pistas biográficas. “As pessoas contam suas histórias a partir dos livros. Você consegue enxergar parte da vida do dono a partir do que ele comprou”. Ao longo dos anos, Mauro passou a enxergar as bibliotecas como retratos de trajetórias. Um economista deixa rastros de debates sobre questão agrária e economia rural. Um professor revela suas leituras de formação. Certos títulos aparecem repetidamente em coleções de uma mesma geração, registrando modas editoriais, interesses acadêmicos e hábitos de leitura de determinada época.

Foi justamente nesse universo de encontros, despedidas e conversas improváveis que surgiram algumas das histórias mais curiosas acumuladas ao longo da carreira. Uma das que mais gosta de contar aconteceu no final dos anos 1980, quando ainda mantinha uma banca de livros na Ufrgs. Um colega sebia indicou uma senhora que desejava vender alguns volumes em um antigo apartamento da Duque de Caxias. O local era escuro, quase vazio, e a proprietária parecia viver apenas cercada por alguns santos e uma estante de clássicos da literatura. Depois de negociar os



Sebos como a Ladeira Livros se transformam em espaços de memória e convivência entre leitores de diferentes idades

livros, a mulher começou a fazer comentários sobre a vida pessoal do livreiro, mencionando um sítio que seus pais tentavam vender. “‘Tu és uma pessoa muito boa. Tua mãe e teu pai querem vender um sítio, mas tem uma pedra no meio do caminho’. Depois me orientou a pedir para minha mãe pegar uma pedra e jogá-la para o lado, porque assim conseguiriam vender o terreno. Falou outras coisas também, algumas sem sentido, e disse que estava vendendo os livros porque estava ‘desencarnando’. Achei tudo muito estranho, mas liguei para minha mãe e repassei o recado. Um tempo depois, eles venderam o sítio”, recorda Mauro. “Resolvi vol-

tar ao apartamento para agradecer. Bati na porta, ninguém atendeu. Foi quando um vizinho me disse que aquele apartamento estava desocupado havia mais de 20 anos. Eu sou materialista dialético, marxista de formação, mas essa história eu nunca consegui explicar direito”, relembra, entre risos.

Ao mesmo tempo, Mauro observa que o trabalho mudou. Se antes boa parte das avaliações acontecia presencialmente, hoje muitas negociações começam com fotografias enviadas pelo WhatsApp. As vendas também migraram para o ambiente digital. Atualmente, cerca de 60% dos livros vendidos pela Ladeira saem pela

internet. Mauro lamenta a perda de sociabilidade provocada pela digitalização das vendas, mas reconhece que as plataformas online se tornaram fundamentais para manter o negócio funcionando. Depois da pandemia, das enchentes de 2024 e do esvaziamento comercial do Centro Histórico, elas passaram a representar uma parcela importante do faturamento da livraria. “Por incrível que pareça, a Amazon está salvando a minha livraria”, afirma. “As pessoas acham engraçado. Dizem: ‘o cara é de esquerda, conta histórias esotéricas e defende a Amazon’. E eu respondo: a vida é feita de contradições.”



André e Silvana, da Avenida; ao colo, a cachorra Geralda, 'sócia' da livraria

Aprendendo a se adaptar, com André Gambarra, da Livraria Avenida

O livro chegou dentro de um saco de linhagem, carregado por um homem que estacionou uma carroça no Centro de Porto Alegre. Era uma manhã de sábado, no fim dos anos 1990. André Gambarra ainda dava seus primeiros passos como livreiro quando o vendedor entrou oferecendo um lote de livros usados.

“Comprei tudo por cerca de R\$ 50,00. Havia revistas jurídicas, alguns volumes de literatura e livros sem grande aparência de valor”, lembra. Só mais tarde, enquanto limpava os exemplares, percebeu que um deles era diferente. Tratava-se de uma primeira edição de *Mensagem*, de Fernando Pessoa. Mais: o volume trazia uma dedicatória assinada pelo próprio poeta português.

“Foi uma emoção. Eu lembro de chamar o Zeca Poli (histórico livreiro da cidade) para olhar e perguntar que edição era aquela”, recorda Gambarra. “Quando percebemos o que tínhamos nas mãos, sabíamos que era algo muito raro.” A história

se tornou uma das mais conhecidas no meio na época. O exemplar acabou adquirido por um professor universitário e colecionador.

Atualmente, André é um dos sócios da Livraria Avenida, próxima à Santa Casa, e também atua em leilões especializados em livros raros, fotografias e documentos antigos. Mas a trajetória começou muito antes, em um Centro que ele descreve como diferente do de hoje, em uma Porto Alegre que concentrava dezenas de distribuidoras e livrarias. “Era um ecossistema inteiro do livro”, lembra. “A Sulina era fortíssima, a Globo tinha várias filiais, havia a Livraria Lima, a Vozes, a Livraria do Advogado.”

A memória do livreiro é povoada por cenas que hoje parecem pertencer a outra cidade. Aos sábados, o Centro fervilhava. Na Riachuelo, leitores circulavam entre sebos, estudantes de RPG ocupavam a galeria em que ficava a Planeta Proibido, advogados saíam carregando pilhas

de livros jurídicos e grupos de amigos terminavam a tarde em cinemas, pizzarias e bares. “Era muito vivo. A gente fechava a livraria e ainda tinha um monte de coisas para fazer no Centro. Saía às oito da noite tranquilamente”, recorda.

Nos últimos anos, os desafios se multiplicaram. Depois da pandemia, veio a enchente de 2024. Durante semanas, o livreiro precisou subir 14 andares de escada para acessar o estoque e atender pedidos feitos pela internet. “Foi muito mais impactante para nós do que a pandemia”, afirma. Até hoje, clientes contam histórias de bibliotecas perdidas na água.

A galeria onde funciona a Livraria Avenida já teve supermercado, lojas e um fluxo constante de pessoas. Hoje, muitos espaços estão vazios. Ainda assim, ele não acredita no desaparecimento do livro físico. “Penso que o livro vai continuar existindo. Talvez com tiragens menores e edições mais cuidadas. Mas vai continuar.”

Uma livraria-sebo especializada em castelhano, com Miguel Gómez, da Calle Corrientes

Quando abriu a Calle Corrientes Livros no final dos anos 1990, Miguel Angel Gómez apostou em algo raro para Porto Alegre: uma livraria especializada em livros em castelhano. Quase trinta anos depois, o espaço continua reunindo leitores interessados na literatura hispano-americana, na cultura gauchesca e nas conexões culturais entre o Rio Grande do Sul, o Uruguai e a Argentina.

A ideia surgiu após um período de desemprego. Um amigo livreiro argentino sugeriu que ele abrisse uma livraria e ajudou a fornecer os primeiros exemplares. Miguel acreditava que a proximidade geográfica e cultural com os países vizinhos poderia formar um público interessado nesse tipo de acervo. “Eu pensei que em Porto Alegre



Miguel Angel sugere leituras para clientes que estão aprendendo o espanhol

não existia uma livraria em castelhano. O gaúcho tem essa proximidade com o Uruguai e com a Ar-

gentina, além da cultura gauchesca compartilhada”, lembra.

Ao longo dos anos, a livraria

construiu uma clientela própria. Professores, estudantes de espanhol, pesquisadores e leitores em busca de literatura latino-americana passaram a frequentar o espaço. Entre os temas mais procurados estão autores como Jorge Luis Borges e Julio Cortázar, além de obras sobre cultura guarani, Missões Jesuítas, Guerra do Paraguai e tradição gauchesca.

Além da livraria e sebo, os eventos literários desempenham papel fundamental na sobrevivência do negócio. Miguel participa há décadas da Feira do Livro de Porto Alegre e considera o evento seu principal período de vendas. Também mantém presença na Feira do Livro de Santa Maria, cidade que reúne estudantes, trabalhadores e pesquisadores de diferentes áreas.

“A feira coloca o livro na rua. Passa todo tipo de gente”, resume.

Uma parte importante do seu trabalho também é apresentar novos leitores à literatura em espanhol. Quando alguém chega à livraria querendo começar a ler em castelhano, Miguel costuma sugerir um caminho gradual. “Eu sempre indico começar pelos contos. Se a pessoa começa por um romance e encontra dificuldade, pode acabar desistindo”, explica.

Como acontece com muitos livreiros, parte do cotidiano também é formado por pequenas histórias. Miguel conta que há um frequentador da Feira do Livro de Porto Alegre que, todos os anos, passa em sua banca para repetir a mesma frase: “Lembra daquele livro que comprei contigo? Ainda não li”.

Vestígios que viajam no tempo

Nos sebos, leitores encontram obras afetivas ou raras, constroem bibliotecas e, muitas vezes, cruzam com vestígios deixados por desconhecidos: dedicatórias, fotografias, anotações e objetos esquecidos entre as páginas. Para o professor e escritor Luís Augusto Fischer, esses espaços carregam uma experiência que vai além do livro em si. “Os sebos são livrarias, coleções vivas de livros, que implicam a presença física de leitores indo até lá, especulando, indagando, se surpreendendo com as descobertas”, afirma. Ao mesmo tempo, observa que a revolução digital transformou profundamente a relação das pessoas com a leitura. Se antes era preciso comprar um livro ou encontrá-lo em uma biblioteca, hoje grande parte dos textos circula em formato digital. “Os sebos padecem do mesmo destino das livrarias em geral: ficar como uma possibilidade, não como uma necessidade imediata”, diz. Talvez seja justamente por isso que os sebos preservem algo difícil de reproduzir em uma tela. Entre seus corredores, livros continuam funcionando como cápsulas de memória. As histórias a seguir mostram como um livro usado pode guardar muito mais do que o texto impresso em suas páginas.

“Uma história que sempre me marcou aconteceu por volta de 2004. Uma amiga estava no Beco dos Livros, na Rua Riachuelo, quando me ligou dizendo que estava com um livro meu nas mãos. Fiquei sem entender, até que ela explicou que havia encontrado, em um sebo, um exemplar de *Borboleta*, de James M. Cain, com meu nome escrito à mão na contracapa: “Marcelo Cunha, 1984”. Provavelmente eu tinha emprestado aquele livro e nunca mais o recebi de volta. Imagino que ele tenha passado por outras pessoas até parar em um sebo. Vinte anos depois, caiu justamente nas mãos de uma amiga querida. Ela comprou o exemplar e quis me devolver, mas pedi que ficasse com ele. Achei bonito pensar que aquele livro tinha viajado pelo tempo e, de certa forma, voltado para mim. Outra história parecida aconteceu quando um amigo me enviou a foto de uma edição antiga de *O Príncipe e o Mendigo*. Eu havia recebido aquele livro como prêmio em um concurso de redação na escola. Ao abrir o exemplar, ele encontrou a dedicatória da escola com meu nome. Era exatamente o meu livro, que em algum momento eu tinha passado adiante. Mais uma vez, um livro reaparecia anos depois, carregando consigo um pedaço da minha própria história”

Marcelo Cunha, professor

“Certa vez, eu estava me preparando para uma oficina com o escritor Marcelino Freire, de quem já fui aluna, sou leitora e com quem mantenho uma relação de amizade no campo literário. Como eu queria aproveitar a oportunidade para autografar alguns livros, resolvi procurar em sebos de Porto Alegre títulos dele que ainda não tinha. Saí correndo pela Rua da Praia, entrando em sebo após sebo, até encontrar dois livros. Um deles era *Nossos Ossos*. O preço era o normal de um sebo, mas, quando abri o exemplar, descobri que ele já estava autografado. Achei aquilo muito estranho e curioso: alguém tinha deixado em um sebo um livro autografado pelo próprio autor. Levei o exemplar para a oficina e, quando mostrei o livro ao Marcelino, ele deu risada e disse: “Amiga, esse livro era para ser seu”. Acabamos tirando uma foto para registrar o momento. O autógrafo era dedicado a uma tal Patrícia, e brincamos que ela não sabia o que tinha perdido. Foi um daqueles encontros improváveis que só os sebos conseguem proporcionar.”

Sabrina Dalbello, poeta



Espaços como a Calle Corrientes seguem como nicho importante, resistindo às vendas online

“Frequentei muitos sebos em Porto Alegre. Comprava bastante no Beco dos Livros, na Rua Riachuelo, e também era cliente da Livraria Aurora. Quando tinha 17 anos, muitas vezes faltava ao cursinho pré-vestibular, do qual não gostava, para passar as tardes nos sebos do Centro. Como eu já trabalhava com pesquisa teatral, adquiri muitos livros sobre teatro nesses lugares e também comecei a colecionar programas de espetáculos. Cheguei a ser tema de uma reportagem da Zero Hora por causa dessa coleção. Um dos itens que encontrei no Beco dos Livros foi o programa da peça *Emily*, sobre a vida de Emily Dickinson, dirigida por Miguel Falabella e estrelada por Beatriz Segall em 1984. Mais tarde, no mestrado e no doutorado, estudei o Teatro Besteirol, movimento do qual Miguel foi um dos principais expoentes, e acabei me aproximando dele por conta da pesquisa que desenvolvi na USP. Também descobri um excelente sebo em Passo Fundo durante a Jornada Nacional de Literatura de 1999. Gostei tanto que, durante um período, chegava a viajar até a cidade apenas para comprar livros. Foi lá que encontrei a edição do *Teatro Completo* de Qorpo Santo, organizada por Guilhermino César, obra que dialogava diretamente com a pesquisa de iniciação científica que eu realizava na Ufrgs.”

Luís Francisco Wasilewski, pesquisador teatral

“Uma das coisas mais fascinantes para quem compra livros em sebos é encontrar bibliotecas inteiras, muitas desses acervos completos que os herdeiros vendem da pessoa já falecida, porque essas bibliotecas revelam em seu conjunto o gosto e as preferências do antigo dono da biblioteca, como ele lia, como formava o seu acervo. Então é curioso encontrar essas caixas empilhadas em alguns sebos. Encontrar essas relíquias só é possível quando se tem uma amizade mais próxima com o livreiro.”

Edgar Aristimunho, escritor



Rafael Gloria é jornalista, mestre em Comunicação (Ufrgs) e editor do site Nonada Jornalismo.

nas telas



Criadas marca a estreia de Carol Rodrigues na direção de longas

Memórias familiares e ancestralidade

Dirigido e roteirizado por Carol Rodrigues, o longa *Criadas* dá continuidade à investigação em torno das subjetividades negras femininas, presente em curtas como *A Felicidade Delas* e *A Boneca e o Silêncio*. *Criadas* juntas, Sandra, uma mulher negra de pele escura, e Mariana, negra de pele clara, são primas e ti-

veram experiências muito diferentes na casa onde viveram e em suas vidas posteriores. Em dado momento, Sandra volta à casa de Mariana em busca de uma foto da mãe, que foi empregada residente ali no passado. A reconexão traz à tona fantasmas da infância, da ancestralidade e de um amor que nunca foi embora.

Drama esportivo em solo iraniano

Drama ambientado em um Campeonato Mundial de Judô no Irã, *Tatame* é o primeiro longa codirigido por um israelense (Guy Nattiv) e uma iraniana (Zar Amir Ebrahimi). Durante a competição internacional, a atleta iraniana Leila (Arienne Mandi) enfrenta um dilema político e moral: o regime de seu país exige que ela abandone a competição ou simule uma lesão para evitar um

possível confronto com uma judoca israelense. Sob pressão da treinadora Maryam (Zar Amir) que viveu traumas semelhantes no passado, Leila se recusa a ceder. O que começa como uma ordem burocrática escala rapidamente para ameaças diretas à segurança e às famílias de ambas, transformando a busca pela medalha em uma luta desesperada por liberdade e integridade.

Disputa nas paradas de sucesso

Comédia estrelada por Paul Rudd e Nick Jonas, *Hit Para Dois* é uma dica para quem quer uma diversão leve para assistir de mãos dadas no Dia dos Namorados. Na trama, Rudd é Rick Power, um compositor que luta por reconhecimento enquanto atua como vocalista de uma banda de casamentos. Em um dos seus shows, ele conhece Danny Wilson (Jonas), um antigo astro pop adolescente que, à sua maneira,

também tenta encontrar sua voz enquanto músico solo. Entre uma cerveja e outra, Rick apresenta uma de suas composições para o novo amigo. O que ele não esperava era que Danny faria da sua música um hit global, sem dar para ele nenhum crédito. Rick, então, sai em uma jornada em busca de reconhecimento, sem perceber que pode acabar perdendo tudo o que realmente importa na vida.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Tipo de contrato jurídico antigo	É convocada a pedido de autoridades locais em casos de crises de segurança pública	Faixa Cidadã da Fontana di Trevi	Honesto e sincero (Mister (abrev.))	Líder abolicionista, cofundador da ABL Sentido do maior órgão do corpo
Selos tridimensionais de cartões de crédito	Funesto Raio (abrev.)	Albino Pigmento vegetal	O intransitivo não pede complemento	Para ti (?) taça, modelo de sutia
Extinta rede de TV Planta da Caatinga	Aquecedor rústico de chalés Análogo	Sentimento que leva à vingança	Pop (?), movimento artístico de Warhol	O último dos dentes molares a nascer Pinot (?), casta de uvas da Borgonha
"(?) de Motocicleta", filme de Walter Salles	Opção de resposta contrária a "verdadeiro"	Domínio irrestrito de sites na internet	Tipo de hepatite que pode ser letal	
Perfume (poét.)	Ilusórias; enganosas	Rua, em francês Pontaria, em inglês	Cinza, em inglês	
Licença para abertura de firmas	Sufixo aumentativo feminino	Imita a "voz" do lobo	Banco de areia em rios e mares	Versão de Kurosawa para "Rei Lear"
A declaração prestada em juízo				

BANCO. 3/aga — alm — art — ash — rue. 4/noir. 10/atramento. 35

Solução

O	H	N	U	M	T	S	T	E	
I	S	V	L	U	V	A			
N	A	V	A	V	A	V			
I	O	I	T	I	V				
C	O	S	L	V	F	L	N		
O	F	I	N	F	O	L	O		
R	S	O	R	I	O				
T	A	R	B	O	T	A			
A	R	I	L	A	R	C			
P	O	S	T	E	N				
O	D	M	L	V	A				
E	L	V	M	R					
S	V	A	O	G	R	A			
O	N	T	A	M	E				
J	L	F							

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈ Áries: É importante conhecer bem as situações financeiras com as quais estará lidando, pois a tendência a se precipitar e desconsiderá-las é bastante grande. Não compre por impulso.

♉ Touro: A lua neste signo junto a marte estimula a impulsividade emocional. Você tende a não se conter quando se tratar de defender a honra ou responder a estímulos que lhe desafiem.

♊ Gêmeos: Você pode se meter em pequenas encrencas ao se deixar guiar pelo impulso amoroso. A ousadia decorrente pode ser prejudicial, mas também descortina algo interessante.

♋ Câncer: O convívio afetivo está estimulado, com você afoito por conhecer as pessoas mais de perto. O anseio por renovar sua autoimagem está positivamente estimulado.

♌ Leão: Bom momento para agir com vigor no campo do trabalho e das conquistas materiais. Oportunidades especiais favorecem estes campos, mas procure não se precipitar.

♍ Virgem: A tendência a se envolver com questões de honra e defesa de valores pode afastar você da realidade prática imediata, inclusive tirando a eficiência para resolver as coisas do dia.

♎ Libra: A lua estimula marte e indica tendência à cobiça, isto é, a desejar o que não tem ou ainda não lhe pertence. Por isso você tende a correr riscos além da conta.

♏ Escorpião: Sentimentos fortes estão presentes na relação a dois, com você tendendo a se impor sobre os sentimentos da pessoa amada, como se só seus desejos tivessem valor.

♐ Sagitário: Ao se deparar com as tarefas de cotidiano esteja preparado para encontrar desafios que lhe tocam pessoalmente. Não vá se precipitar, não em demasia, nas suas reações.

♑ Capricórnio: Os sentimentos afetivos estão acesos, mas um tanto impulsivos e reativos ao que lhe desafia. Você pode mais agitar o ambiente, do que realmente se relacionar com alguém.

♒ Aquário: Momento em que a organização de cotidiano pode entrar em nova ordem, mais estável e produtiva. O convívio familiar traz embates e a necessidade de você afirmar o que sente.

♓ Peixes: Procurar conhecer as pessoas e as situações com as quais está envolvido no momento pode levar a surpresas. A ânsia por se comunicar faz atropelar palavras e pessoas.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

O mais completo retrato da IA

A Inteligência Artificial segue sendo, sem dúvida, um dos maiores e mais desafiadores temas do mundo atual. Sua influência na vida das pessoas, na economia, na política, na cultura, no trabalho e no relacionamento das pessoas é imensa e estamos mergulhados no tema para entender melhor o que acontece e como podemos agir da melhor forma.

O Império da IA (Rocco, 480 pág, R\$ 99,90), de Karen Hao, engenheira mecânica pelo MIT e jornalista premiada, investiga, com profundidade e consistência, a Open AI, estabelecida por Sam Altman, Elon Musk e outros e que criou o ChatGPT. Inicialmente era uma entidade sem fins lucrativos e visava o bem da humanidade. Com o tempo, muita coisa mudou.

O livro venceu o National Book Critics Circle Award, os prêmios Smithsonian, Scientific Americana e Elle e o Business

Book Award da Porchlight. Logo após o lançamento, tornou-se *best-seller* instantâneo do The New York Times. Karen foi a primeira jornalista a cobrir a OpenAI, em 2019 e, neste livro, traz depoimentos de engenheiros do Vale do Silício, trabalhadores do Quênia e ativistas ambientais do Chile, além de outras vozes pouco ouvidas sobre as entranhas de uma indústria poderosa que desenha o futuro da humanidade em tempo real, impacta o clima, o mercado de trabalho, a política e a economia em escala global.

Karen é uma testemunha ocular, esteve no topo da hierarquia e no sofrido chão de fábrica e mostra como Altman precisou pedir recursos bilionários para a Microsoft para seguir. A OpenAI lidera uma corrida desenfreada e sem objetivos claros ao lado de gigantes multinacionais e as forças que a pressionam também afetam o



julgamento de líderes mundiais.

Com sua obra impactante, altamente embasada e reveladora, Karen transforma, de maneira fundamental, a compreensão e a percepção de muitas pessoas a respeito da empresa que está no olho do furacão da revolução da Inteligência Artificial.

e palavras...

DIA DOS NAMORADOS

O mundão está aí com sessenta e cinco conflitos armados ativos, cerca de treze classificados como guerras, por ultrapassarem 1.000 mortes em combate por ano. Houve oito conflitos diretos entre Estados, o maior número desde o fim da Segunda Guerra Mundial, e os pesquisadores consideram a atualidade como um dos períodos mais violentos desde a Segunda Guerra. No Brasil já tivemos 65.602 mil homicídios em 2017, o pico, e em 2024 fechamos com 42.590 homicídios. No mundo inteiro, recentemente, houve de 130 mil a 250 mil mortes por ano, em função de guerras e violência organizada. O Brasil tem 2.5% da população mundial e responde por 8% a 12% dos homicídios no mundo. No mundo há quase um homicídio por minuto. Vamos anotar as promessas dos políticos e ver o que vão fazer com o maior pepino de todos, deste nosso querido País, para muitos um Banaanão. Ou será que o pepino maior é a corrupção?

Enquanto isso os líderes, principalmente os homens, militares e/ou civis, seguem fazendo política como se estivessem “namorando” alguns homens, ou brigando com outros, e gastando bilhões de dólares com aviões, tanques, bombas, canhões, porta-aviões, soldados, munição, drones e demais componentes de dezenas de conflitos, motivados no mais das vezes por território, dinheiro e poder.

Dinheiro, poder (político, religioso, cultural etc) e sexo/amor são as três maiores forças que movem o mundo, desde o tempo em que nos tornamos “sapiens” agricultores, doze mil anos

atrás, querendo terra e a terra do vizinho. Dia dos namorados, dia de pensar que o amor deve ser a coisa mais importante da vida e que deve ganhar de goleada no final dela. Vida sem amor, poesia e música é muito pouca vida. Dia dos namorados começou religioso, com o São Valentim, condenado à morte pelo Imperador Cláudio porque o contrariou casando jovens soldados, que o Imperador achava mais produtivos solteiros.

Na Idade Média surgiu a associação entre São Valentim e o amor romântico. Nos séculos XVIII e XIX surgiram cartas, poemas e cartões e no Século XX começaram os chocolates, flores, presentes e viagens, que o comércio, os restaurantes e hotéis precisavam faturar. No Brasil em 1949 o publicitário João Dória criou o Dia dos Namorados, véspera do dia de Santo Antônio, que é eterno *coach*, personal e esperança das solteiras. Depois surgiu a história de que os comerciantes preferem o dia dos namorados ao dia das mães, porque, em geral, mãe é uma só, um presente só, e namorada(o)s, com certa frequência são duas-dois ou mais e aí mais presentes são necessários e a caixa-nha agradece.

Óbvio que se as pessoas amassem e namorassem mais o mundo seria mais pacífico e saudável e, quem sabe, não teríamos tantas guerras e polarizações deletérias. Não diria que só o amor constrói, mas é claro que o amor, mesmo que seja por animais, plantas, ideias, artes e por boas causas, torna melhor o convívio entre os humanos e a relação com o mundo.

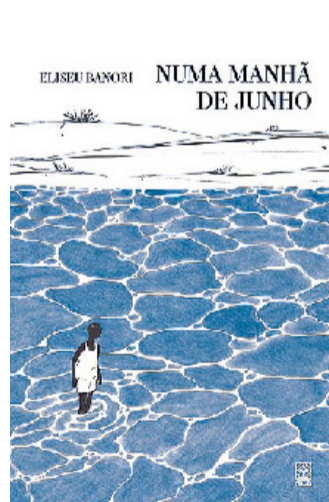
lançamentos



► **Facas e facões de um biólogo de campo** (Escuna, 166 pág, R\$ 44,00), de Rafael Lucchesi Balestrin, doutor em Zoologia pela Pucrs, traz crônicas e histórias interessantes sobre décadas de pesquisas em muitos biomas brasileiros. Conhecimento científico e vivências, biodiversidade, conservação ambiental e pesquisas estão na obra para estudantes, amantes da natureza e leitores em geral.



► **Mentiras, verdades e outras falsidades** (Gog Ideias, 176 pág, R\$ 74,90), do romancista, contista e roteirista Miguel da Costa Franco, tem apresentação dos editores André Roca e Alexandre Schossler e traz contos com linguagem trabalhada, fluente e envolvente sobre pessoas, família, memórias, desejos íntimos e muito mais. Miguel conta bem, com lirismo e ironia, sobre verdades, mentiras e memórias, inventadas ou não.



► **Numa manhã de junho** (Pallas Editora, 160 pág, R\$ 40,00), de Eliseu Banori, Mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela UFRJ, nascido em Bissau e radicado no Brasil, autor de contos, poemas e romances publicados em dez livros, narra os dramas familiares na guerra civil da Guiné-Bissau entre junho de 1998 e maio de 1999, que levou milhares a se refugiarem em outros países da África e na Europa.

a propósito...

Jesus Cristo morreu perdoadando os seus carrascos e deixou a mensagem maior de amar o próximo. Acho que Jesus concordaria com a ideia de que não precisamos amar todos os próximos e nem oferecer a outra face para levar outro tapa. Mas, convenhamos que, na vida, é ótimo se conseguirmos amar e perdoar alguns familiares, amigos e colegas. No dia dos namorados é bom lembrar de Jesus Cristo,

Alá, Buda, Javé, Santa Teresa de Calcutá, São Francisco, Gandhi, Martin Luther King Jr. e outros gigantes e distribuir amor, humor, carinho, paciência e resiliência. A mesma resiliência, aliás, que o Ancelotti quer ver na seleção, que, tomara, tenha muito amor, fome e gana pela bola. Ame, desame, ame de novo, dê vexame, mesmo achando que o único amor eterno é o amor próprio. **(Jaime Cimenti)**

sangue novo

Rapper angolano Kizua fala de África e de Brasil

Andressa Pufal

O primeiro EP de Kizua Trindade, *Lá no Bairro*, nos apresenta uma sonoridade forte, potente, rasgante e profunda. Uma potência musical e de mensagem construída por um jovem angolano que imigrou para o Brasil e se viu modificado pela nossa dura realidade: o racismo. Nascido em Lubango, um município do sudoeste angolano, Kizua se mudou para a capital Luanda aos 7 anos, e há 13 veio morar em terras tupiniquins.

Chegando por aqui, o artista se deparou com um racismo muito diferente do vivido no país africano. Em Angola, a colonização portuguesa deixou marcas profundas na população, tanto na economia, quanto na vida particular. Se o

Brasil, que se “libertou” dos colonizadores no século XIX, ainda sente os efeitos daqueles tempos, Angola vive com as mazelas do imperialismo ainda bufando na nuca - afinal, só em 1975 o país conseguiu se livrar da dominação portuguesa, através da Luta Armada de Libertação Nacionais.

Entretanto, o racismo foi mais sentido pelo angolano em terras brasileiras. “Em Angola, como a maioria da população é preta, nós não precisamos pensar sobre racismo diariamente. Se alguém te trata mal, a gente acha que a pessoa é só mal educada. Aqui, há esse recorte de raça”, avalia.

Por isso, Kizua tem usado o rap como instrumento de denúncia e elaboração do que tem vivido no país latino. Se o rap angolano é tido mais como uma *egotrip*,



FRAN BECK/DIVULGAÇÃO/JC

Kizua Trindade migrou para o Brasil há 13 anos; EP de estreia *Lá no Bairro* fala do racismo que encontrou por aqui

como define o cantor, o brasileiro, marcado pelas questões sociais, é uma ferramenta de mudança social. E foi nessa mescla que nasceu a sonoridade kizuana: um disco que, ao longo de seis faixas, é marcado por relatos da vida de um jovem que busca vencer, apesar das dificuldades sociais.

A faixa que dá nome ao EP traz Kizua cantando ao lado do nigeriano Idowú Akinrúli, acompanhado do violino de Cibele Bartz. “Foi uma canção que nasceu da minha última ida a Angola”, comenta. Ao observar o que mudou e o que continuou igual no local onde cresceu, o artista dispara:

“rostos tristes, castelos de lata e contos sem final feliz.”

O artista, porém, encerra o EP em uma outra pegada: *Olhos Café* é cheia de *groove* e *flow*. Nela, Kizua deixa a sua mensagem final: “Mãe África, hoje, não chora mais. Teus filhos estão de pé resgatando teu tesouro.”

qual é a boa?

Toda semana, a equipe de redação do Jornal do Comércio vem com sugestões para melhor aproveitar a vida cultural de Porto Alegre no final de semana. Nesta edição, dá para curtir música ao vivo, dançar em uma festa alternativa, visitar exposições e muito mais



Gosto de fazer, sempre que possível, um giro pelos museus e centros culturais de Porto Alegre - um compromisso comigo mesmo que, aliás, está um pouquinho atrasado. Neste final de semana, pretendo começar a corrigir essa falha, dando uma passada na Galeria do Multipalco Eva Sopher para conferir a mostra *Theatro São Pedro Para Sempre*, que traz um pouco do rico acervo de um lugar simbólico para as artes no Estado. Em um percurso expositivo em quatro núcleos, dá para ter uma boa visão da história do *Theatro* e de tudo que se fez e faz, desde a época da guerreira Eva Sopher, para que esse legado siga de pé. É de graça, todos os dias, das 10h às 20h, até 2 de agosto.

Igor Natusch,
editor de Cultura do JC



Dia 13 de junho é dia de Santo Antônio e também de curtir o Baile Brasa! O Espaço Cultural 512 escolheu este sábado para receber o público em mais uma edição de uma das festas mais tradicionais e queridas de Porto Alegre. A partir das 21h, os DJs Kafu Silva, Fausto Barbosa e Vagner Medeiros comandam a pista com uma seleção que mistura samba, axé, MPB e muito *groove*. A festa acontece na Rua João Alfredo, 512, na Cidade Baixa, e os ingressos antecipados têm desconto. Tem mais: nesta edição, geminianos entram de graça! Além disso, o @bailebrasa no Instagram está sorteando 10 pares de ingressos. Acessa lá para conferir as regras da promoção e faz a tua fé.

Cristine Pires, Editora-assistente de Economia



Está a fim de um programa cultural de graça pro domingão? A Orquestra da Ulbra vai ocupar a Associação Leopoldina Juvenil para a apresentação de mais um Domingo Clássico, celebrando ninguém menos que a genial Chiquinha Gonzaga. O maestro Tiago Flores e a pianista Olin da Allessandrini comandam o espetáculo, que ainda traz ritmos nordestinos do Movimento Armorial e clássicos internacionais de Holst e Bloch. É aquela mistura perfeita de erudição com a alma do Brasil, perfeita para curtir o final de semana. A entrada é franca, mas tem que retirar o ingresso pelo Sympla.

Adriana Lampert,
repórter de Cultura-JC



Tem coisa mais brasileira do que futebol, samba e empreendedorismo, tudo no mesmo lugar? Essa é a proposta do Samba da Figa. Neste sábado, a edição ocupa a Travessa do Passarinho, em frente à Casa de Cultura Mario Quintana. Já fui a algumas edições no Vila Flores e sempre é uma grata experiência. Para quem é fã de sambas antigos, aqueles de cantar com a mão no peito e abraçar quem está do lado, o programa é certeiro. Além da música, com Grupo Puro Asthral e Samba do Arvoredo, o evento reúne uma feira empreendedora que rende boas descobertas. E é claro que vamos estar na estreia do Brasil na Copa, então terá um telão para transmitir o jogo.

Júlia Fernandes,
repórter do GeraçãoE